

primeira parte

PROGRAMA MÁXIMO E ESTRATÉGIA INTERNACIONAL

1. O programa máximo comunista deve desempenhar papel fundamental na redefinição da estratégia da revolução mundial. Ele situa o grande objetivo, delineando todo um projeto de humanidade. Mas, ao fazer isto, orienta também o tipo de construção que a própria luta já deve realizar. Indica, em função da meta final, um conjunto de pressupostos políticos, ideológicos, organizativos e ético-morais constitutivos do movimento pelo comunismo. A rearticulação do nexo entre o programa máximo e a estratégia internacional - que necessita ser não somente anti-capitalista, mas orientada para o comunismo - é uma premissa básica na elaboração dessa linha geral.
2. Nesse sentido, a revalorização da essência de comunismo - que Marx definiu como a "associação dos indivíduos livres" - assume importância primordial.
3. Ou seja, a luta por essa futura "associação de indivíduos livres" deve ser, já ela mesma, um movimento de indivíduos, que se reconstroem enquanto tais na medida em que agem e interagem como sujeitos históricos, e que, por sua vez, implica na construção da liberdade humana e em formas superiores de organização coletiva baseadas na livre associação.
4. Primado do indivíduo, tendo como correlários determinadas relações de liberdade e de organização coletiva, é uma recuperação essencial que a nova estratégia internacional de luta pelo comunismo terá de buscar.
5. As questões da liberdade para o socialismo - os direitos individuais e coletivos, as relações Estado-indivíduo-massas e Partido-indivíduo-massas, os direitos humanos, a democracia revolucionária - constituem o problema chave para a recuperação mundial da imagem do comunismo, condição para um amplo reagrupamento de forças em torno desta bandeira.
6. A expectativa estratégica de Marx e Lênin, de que a revolução mundial, em

um primeiro ou segundo momento, teria necessariamente que ter como bases avançadas experiências socialistas feitas a partir dos países capitalistas desenvolvidos, correspondia à necessidade de que a transição ao comunismo contasse tanto com uma infraestrutura econômica adiantada como com condições políticas e culturais igualmente avançadas, apoiando-se em um potencial superior de civilização.

7. Nesse mesmo sentido, a concepção de Marx acerca da ditadura do proletariado - um Estado de transição de tipo inteiramente novo, no qual se enfraqueceria o aparato especial burocrático-militar e se fortaleceriam as formas de autogoverno das massas, e onde as funções de hegemonia e reeducação teriam principalidade sobre as funções de coerção - era uma concepção diretamente referenciada no conteúdo libertário de comunismo. Porém, ela só encontraria condições favoráveis de aplicação em sociedades capitalistas avançadas, cuja passagem ao socialismo, por sua vez, provocaria uma alteração decisiva na correlação de forças mundial, e que criaria também uma situação externa favorável, diminuindo as pressões contra-revolucionárias.

8. Em suma, o conteúdo do programa máximo, a expectativa estratégica a nível mundial e a concepção de transição ao comunismo presentes em Marx e em Lênin (com exceção dos seus últimos anos de vida) guardavam um sentido de coerência, de totalidade e de processo. Seu erro fundamental foi o de subestimar o potencial de resistência, de reciclagem e de expansão do capitalismo, especialmente nos grandes países desenvolvidos, que eram exatamente as peças-chaves de seu projeto em direção ao comunismo.

9. O fato de que todas as revoluções até aqui ocorreram em países atrasados significou um obstáculo fundamental nesse projeto. A observação de Lênin de que nesses países era mais fácil tomar o poder e mais difícil construir o socialismo revelava a percepção de uma dificuldade básica que o movimento pelo comunismo não foi capaz de superar e que está no centro do seu atual impasse.

10. Verificando-se em sociedades marcadas pelo atraso, as revoluções tiveram uma forte vertente democrático-burguesa, incorporaram tarefas não realizadas pelo capitalismo e canalizaram uma luta de classes que não era ainda o conflito e a disputa típicos da sociedade burguesa plenamente configurada, uma luta de classes com alto poder destrutivo em relação à velha ordem mas com baixo potencial construtivo no sentido do comunismo. A própria Revolução de Outubro foi um desdobramento direto da revolução democrático-burguesa de fevereiro de 1917 em uma Rússia recém ingressada no capitalismo e com um Estado burguês apenas incipiente. Essa circunstância levou a que deixassem de ser enfrentadas as leis e as tarefas específicas da revolução em sociedades burguesas modernas. Inclusive a tentativa de generalizar o caminho da Revolução Russa para os grandes países capitalistas, presente na primeira fase da III Internacional, não respondia às necessidades estratégicas colocadas nestes últimos.

11. Esta limitação das experiências revolucionárias obscureceu os aspectos inteiramente novos e originais da revolução comunista. Nesta, o novo modo de produção não surge e se desenvolve no interior da velha sociedade, como ocorreu com o escravismo, o feudalismo e o capitalismo, nem a revolução política é o cerne necessário dessa revolução econômica. Sob o capitalismo o comunismo é apenas uma possibilidade e uma potencialidade, e a revolução política (a tomada de poder de Estado) abre a oportunidade da construção de novo sistema social, o qual se constitui em um projeto teórico a ser realizado pelos sujeitos históricos. O papel da consciência, da vontade, da liberdade enquanto opção, assume uma importância sem precedentes, como o fator que decidirá os rumos da humanidade diante da encruzilhada: comunismo ou barbárie.

12. Quanto mais se configura em sua plenitude a sociedade burguesa moderna, abandonando as formas pré-capitalistas de produção e também as formas híbridas de luta de classes, mais cresce o papel do fator subjetivo. Nela, a própria situação revolucionária deixa de ser um produto objetivo das contradições da sociedade, enquanto crise de dominação e de hegemonia que coloca a possibilidade imediata da tomada de poder. A situação revolucionária passa a depender de um determinado acúmulo estratégico no campo da consciência e da organização, em

articulação com certas condições objetivas. Esta característica da revolução sob o capitalismo desenvolvido não esteve presente nos diversos processos revolucionários, dificultando a elaboração estratégica.

13. O stalinismo representou uma ruptura radical do movimento que se propunha comunista com o conteúdo essencial do comunismo, estabelecendo uma crise histórica desse movimento. No plano interno, ele impôs o primado das forças produtivas sobre o homem, a dissolução do indivíduo nos coletivos, o esvaziamento dos órgãos de auto-organização e auto-governo das massas, o agigantamento do aparato burocrático-militar do Estado, a ditadura de partido único em nome do proletariado, a institucionalização do terror e da violação dos direitos humanos, a liquidação das liberdades e da democracia socialistas, a alienação do povo, a generalização dos enquadramentos organizativos burocráticos, o caminho oposto ao da "associação de indivíduos livres" de Marx. E, no plano externo, implantou uma política de grande potência centrada nos interesses nacionais da União Soviética, subordinando e sacrificando a luta revolucionária dos povos à "defesa da pátria do socialismo".

14. A construção de experiências de vanguarda de aproximação do comunismo em contraria suas melhores potencialidades em um ou alguns grandes países capitalistas, e não na Rússia atrasada. A questão de "socialismo integral num só país" era inseparável do país em questão. Desde o início, o aspecto decisivo para a afirmação histórico-mundial da luta pelo comunismo era fazer a revolução em um ou alguns dos maiores países burgueses e aí realizar a principal obra de construção comunista, referenciando e alimentando as tentativas socialistas dos países mais atrasados e criando uma nova correlação de forças internacional. O stalinismo, ao retirar do centro da estratégia mundial a revolução nas sociedades monopolistas, descaracterizou a própria qualidade do comunismo, erigindo as limitações e o atraso da Rússia de 1917 em patamar universal da edificação comunista. Era correto iniciar e desenvolver o socialismo na URSS, desde que articulado a essa outra centralidade mundial.

15. As exigências de acúmulo estratégico nos países capitalistas monopolistas de hoje, com a necessidade de construção de uma contra-hegemonia política, i-

deológica e cultural, organicamente estruturada enquanto força de disputa e de combate, responde não apenas às imposições da luta pelo poder, mas cria, ao mesmo tempo, condições políticas, culturais e organizativas muito mais avançadas para efeito da posterior transição ao comunismo. Essa via possibilita que se dê viabilidade histórica à percepção embrionária presente em revoluções que lutaram por preservar o ideal libertário de marxismo, como o chefe anarquista espanhol Santillán ao afirmar que "uma revolução só pode realizar e que já estava como necessidade e meta na consciência das massas e só uma consciência clara, uma cultura social das massas pode impedir que nas grandes transformações predominem insignificâncias como a vingança pessoal e a cobiça dos recém-libertados".

ESTRATÉGIA INTERNACIONAL

1. A questão da estratégia da revolução proletária em escala internacional, imbricada com a elaboração da estratégia revolucionária para os países capitalistas monopolistas, não é tarefa simples nos dias atuais. Ao contrário, em nenhum momento, desde que a luta pelo socialismo tornou-se uma realidade palpável, revestiu-se de traços tão complexos. Pois tal questão, está a exigir respostas num quadro onde as classes dominantes alcançaram um alto grau de desenvolvimento no exercício do seu domínio, constituindo sólidos Estados burgueses, dotados de instrumentos de coerção e de aparelhos de hegemonia extremamente eficazes e onde o movimento comunista encontra-se numa crise de vastas proporções.

2. A primeira realização vitoriosa de uma estratégia revolucionária e socialista, ocorrida em outubro de 1917 na Rússia, deu-se numa situação absolutamente diversa. O Estado Russo era um Estado atrasado, basicamente coercitivo e que teve sua base social ainda mais corroída pela guerra inter-imperialista. A classe burguesa era débil e a sociedade civil pouco desenvolvida. Além disso, nas décadas iniciais deste século havia, em inúmeros e importantes países, um vigoroso movimento operário anti-capitalista e fortemente influenciado pelo pensamento marxista, partidos revolucionários com expressão de massas, relações e vínculos orgânicos entre os comunistas de vários países, intercâmbios permanentes e um intenso e fecundo debate acerca dos principais problemas teóricos e políticos suscitados pela luta de classes. Em suma, havia um movimento vivo de luta pelo socialismo, impulsionado pela perspectiva de revoluções à curto prazo. Num momento de crise profunda e generalizada do capitalismo, recém ingressado na etapa imperialista e as voltas com uma guerra, a idéia da revolução e da construção de um mundo novo encantava as multidões proletárias e as massas populares. Pensar a estratégia era, pois, nessas condições, pensar os caminhos efetivos da tomada do poder com base num poderoso movimento real.

4. A classe operária russa, hegemonizando as massas camponesas, dirigida pelo Partido Bolchevique e armada de uma estratégia insurrecional de massas, de "assalto ao poder", pode assim desferir um ataque frontal e de rápido desenlace contra o incipiente regime burguês surgido dos escombros do Estado Czarista. A crítica teórica e política feita por Lenin e outros dirigentes comunistas à estratégia reformista dos Partidos Social-Democratas da II Internacional demonstrava praticamente sua correção e evi

denciava com isso a possibilidade da revolução e de se dar início a construção de uma sociedade socialista. Todavia, a expectativa de que a partir daí, do "elo mais fraco da cadeia", a revolução se espraiasse para os "elos mais fortes da cadeia", foi gradativamente sendo frustrada. O proletariado da Europa, onde haviam sociedades com um nível de desenvolvimento substancialmente maior, foi derrotado, na Áustria, na Hungria, e sobretudo na Alemanha e na Itália. Ali, onde o nível de desenvolvimento da sociedade capitalista era maior, também as "reservas" da burguesia, "reservas" repressivas e hegemônicas eram substantivamente maiores. Independentemente dos equívocos cometidos pelos Partidos Comunistas desses e de outros países europeus, o certo é que um problema essencial tornava-se flagrante: as exigências estratégicas superiores para a revolução onde os Estados burgueses haviam chegado num estágio superior de sofisticação.

4. Sem dúvida, a vitória dos operários russos alterou a correlação de forças e abriu uma nova época em plano mundial, pois pela primeira vez a burguesia sofria uma derrota decisiva. Mas, sem dúvida também, a derrota do proletariado na Europa e a consequente reversão de expectativas em relação aos rumos da revolução no mundo gerou repercussões, tanto no interior do nascente Estado soviético quanto externamente, que iriam afetar seriamente os acontecimentos posteriores da luta entre as classes. Na Rússia, contribuiu para a ascensão ao poder de Josef Stálin. Nos países onde a vaga revolucionária foi derrotada, além de as classes populares terem sofrido duros revesses, inclusive vendo seus combatentes e suas organizações serem violentamente atacadas, as classes dominantes adquiriram uma experiência valiosa para os enfrentamentos futuros, experiência que rapidamente traduziu-se na busca de novos meios de coerção e de novos meios para estabelecer o consenso junto a camadas do povo.

5. As estratégias realizadas pela III Internacional, na época do predomínio absoluto do stalinismo, conduziu o proletariado dos países centrais do capitalismo a novas e mais amargas derrotas. Assim ocorreu na década de 30 com o fracasso das experiências das frentes populares, particularmente na França e na Espanha. E repetiu-se no período imediatamente posterior a II guerra mundial, quando a ascendência dos Partidos Comunistas na luta armada de resistência ao fascismo não teve como consequência, muito em função dos interesses estratégicos da União Soviética, a conquista do poder.

6. Após a II guerra mundial, quando cristalizaram-se no mundo os chamados dois blocos, mais nenhuma experiência revolucionária significativa ocorreu nos principais países capitalistas com o concurso ativo dos Partidos Comunistas oficiais. Os acontecimentos do ano de 1968 que colocaram multidões em ação, sobretudo em França, não só não tiveram o apoio ativo dos PCs locais como, inclusive, fôram por eles combatidos intensamente. Na verdade, desde a conflagração armada mundial, enquanto a burguesia consolidava os seus regimes políticos nos países avançados, um prolongado processo de absoluta integração dos PCs na ordem capitalista se desenvolvia. De acordo, com a "estratégia" revolucionária" de coexistência pacífica, de equilíbrio de forças na corrida armamentista, de construção gradual do "socialismo" pela via da conquista das instituições do Estado burguês.

6. Paralelamente a isso, no interior da União Soviética e com desdobramentos no conjunto do bloco que se formou em seu redor ao final da II guerra, a nova classe dominante burocrática tratava de ir golpeando as conquistas da revolução proletária. Eliminou a democracia operária fazendo dos Soviets meros instrumentos de homologação de decisões, fôrmulando e colocando em prática uma concepção de reforçamento e burocratização sem igual do Estado, que tornou-se um órgão apartado da sociedade e de conteúdo altamente repressivo. Apartou os trabalhadores dos meios de produção e do produto do seu trabalho que passou a ser apropriado pelas camadas superiores da burocracia. Desfigurou a concepção e a prática leninista de partido eliminando o centralismo democrático através da proibição administrativa do debate, da polémica, da crítica, da divergência, e subvertendo a relação dialética entre o partido e as massas proletárias. Desenvolveu uma política de superpotência submetendo os países aliados aos seus interesses e que chegou ao ponto de impedir pela força a eclosão de lutas operárias, como ocorreu na Hungria, na Tchecoslováquia e na Polónia. Dessa forma, comprometeu não apenas a primeira e mais importante experiência de construção do socialismo como também a própria imagem da luta comunista no mundo.

7. As sucessivas derrotas do proletariado nos principais países do ocidente combinadas com os descaminhos do Partido Comunista e da experiência socialista na União Soviética trouxe, como não poderia deixar de ser, graves implicações para a luta da classe operária e também para a reflexão e pensamento marxistas, para a sua capacidade de encontrar de maneira criativa respostas para os novos e velhos problemas postos pela luta de classes, e particularmente para a questão da estratégia revolucionária. De

um lado, nos Partidos Comunistas oficiais, o marxismo fossilizou-se em fórmulas dogmáticas e a estratégia foi reduzida a uma quimera reformista para justificar o completo abandono da luta revolucionária. De outro, o pensamento marxista tornou-se objeto da reflexão individual de intelectuais, desvinculado de qualquer ação político-prática do movimento de massas e incapaz de desen-volver uma perspectiva estratégica coerente para a revolução.

8. É bem verdade, após a revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia, ocorreram numerosas e importantes revoluções no mun-do. E tais revoluções cumpriram um papel essencialmente progres-sista e abriram novas e positivas perspectivas para a luta dos povos pela libertação. Houve a revolução chinesa. Concluiu-se to-do um ciclo de revoluções anti-colonialistas e anti-imperialis-tas em países dos continentes Africano e Asiático. Realizaram-se as primeiras revoluções na América e no Caribe. E estão em curso ainda lutas revolucionárias de envergadura. Mas se é neces-sário e fundamental reconhecer e valorizar a luta heróica desses povos é forçoso também reconhecer as limitações que essas revoluições encerraram e encerram. Por motivos vários e diversos. Ou porque se deram em países com uma classe operária muito incipien-te onde as forças produtivas e as relações de produção sequer ha-viam atingido um estágio propriamente capitalista e cujos Esta-dos nacionais eram rudimentares e dominados por oligarquias au-tocráticas, ou porque seu peso específico no sistema capitalis-ta mundial era pequeno, ou em função do conteúdo mesmo da revolução, não explicitamente socialista; ou porque a revolução dege-nerou posteriormente, ou ainda pela reunião de vários destes e-lementos, o fato é que a resultante desse processo não implicou numa alteração substancial na correlação de forças global e, o que não é menos importante, não trouxe contribuições teóricas e políticas capazes de contribuir no equacionamento do problema de-cisivo da revolução nos países capitalistas monopolistas.

9. Como produto da crise e dos impasses estratégicos da luta pe-lo comunismo e da estabilidade adquirida pelas sociedades bur-guesas modernas, nos países centrais do capitalismo, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, no Canadá, inexistem hoje organi-zações revolucionárias e comunistas com influência de massas dig-na de menção. Os partidos vinculados ao movimento operário e po-pular, como os comunistas oficiais e os Social-Democratas, há muito abandonaram qualquer perspectiva revolucionária e socia-lista. Os primeiros, como por exemplo o Partido Comunista Ita-liano que é o mais forte deles, esforçam-se para parecer confiá-

veis aos capitalistas, tecem elogios constantes a democracia burguesa e namoram a perspectiva de coalizão com partidos burgueses para chegarem aos governos. Os segundos, muitos dos quais à frente de governos, são hoje partidos do capital monopolista e buscam se credenciar como administradores competentes do Estado burguês e para tanto sequer hesitam em aplicar a famosa política de austeridade e de arrocho sobre os trabalhadores. Articulado a isso, observa-se que o movimento operário e popular nesses países cumpre uma trajetória de crescente integração na sociedade burguesa, desenvolvendo basicamente lutas por reivindicações econômicas e melhorias nas condições de vida, lutas importantes, mas que não implicam num questionamento da sociedade capitalista e nem apontam para uma saída revolucionária.

10. E é justamente aí nesses países, numa relação de causa e efeito com as dificuldades da luta proletária e comunista, que as classes dominantes consolidaram seus mais sólidos regimes políticos e as mais estáveis sociedades burguesas. Efetuando uma brutal exploração das massas operárias e populares dos países periféricos do capitalismo realizaram uma concentração massissa de capitais e se deram ao "luxo" de elevar de modo relativo o padrão de vida dos trabalhadores dos seus países. Com isso, adquiriram melhores condições para enfrentar as crises do modo de produção capitalista e também para formar uma numerosa burocracia sindical. Ao mesmo tempo, desenvolveram poderosos meios de dominação e de hegemonia. De dominação, porque os Estados burgueses, em fusão crescente com os grandes monopólios capitalistas, transformaram-se em verdadeiras fortalezas, com uma extraordinária centralização de poderes nas mãos dos executivos, com mecanismos ágéis de repressão, com forças armadas profissionalizadas e detentoras de enormes aparatos bélicos, com sofisticados meios de informação e de controle sobre a vida da sociedade. De hegemonia, porque constituíram uma complexa rede de aparelhos de exercício da hegemonia política, ideológica e cultural. Que se inicia nas instituições do Estado, passando pela normatização das relações de trabalho, pela redefinição do papel das instituições tradicionais como a escola, a família, etc, até chegar a utilização intensa dos modernos meios de comunicação eletrônica.

11. A retomada de uma perspectiva revolucionária viável capaz de fazer ruir o domínio burguês no coração do capitalismo está intimamente associada à perspectiva da revolução nos países chamados de intermediários como o Brasil, a Argentina, o México, etc. Aí, situa-se hoje uma pedra angular da luta de classes em plano

mundial. Porque nesses países, apesar da manutenção de elementos de atraso e da dependência em relação ao imperialismo, alcançou-se já um estágio monopolista e desenvolveu-se um proletariado moderno e intensamente concentrado. Ao lado de Estados nacionais dotados de fortes aparatos de dominação e aparelhos de hegemonia, em função de problemas estruturais decorrentes da sua inserção específica no sistema imperialista, convivem importantes focos de instabilidade do predomínio burguês. Embora a luta pelo socialismo nesses países não escape dos impasses gerais da crise do movimento comunista, a intensa exploração das massas e a existência de importantes setores do movimento operário e popular não integrados as regras do jogo burguês e que se mantêm numa perspectiva anti-capitalista, são fatores que favorecem o aprofundamento da luta de classes. O desencadeamento de um processo revolucionário em um mais desses países, em virtude do nível de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção e pelo seu peso no conjunto do sistema imperialista, representaria sem dúvida uma alteração na correlação de forças capaz de atingir os alicerces da dominação burguesa.

12. A contradição antagônica e principal do mundo atualmente, a contradição entre o imperialismo e as burguesias financeiras dos diversos países de uma lado e as massas operárias e populares de todo mundo, está hoje encoberta por uma contradição real mas não antagônica entre os chamados dois blocos, o bloco "socialista" que se aglutina em torno da União Soviética e o bloco capitalista que se aglutina sob a hegemonia dos Estados Unidos. A classe dominante burocrática da União Soviética em função dos seus interesses específicos, da particularidade da sua dominação, da sua própria genese enquanto classe constituída a partir de uma revolução vitoriosa que tinha como ideal a libertação completa da humanidade, cumpre um papel político contraditório, que a leva por vezes a apoiar lutas revolucionárias e bandeiras progressistas como a exigência do fim da corrida armamentista. Este papel político contraditório não pode ser desprezado, todavia, não pode também eliminar o fato de que uma das mais importantes tarefas estratégicas, como condição para a retomada da grandeza do ideal e da luta comunista, consiste justamente em desmistificar sua condição de baluarte do socialismo e em acentuar a natureza da verdadeira contradição principal na luta entre as classes.

13. Qualquer análise da situação real da luta de classes em plano mundial que se fundamente no "pessimismo da inteligência" e não apenas no "otimismo da vontade" haverá de chegar a conclusão que a luta pelo comunismo vive hoje seu mais grave impasse. A

revolução socialista continua sendo uma fecunda possibilidade e uma urgente necessidade para libertar a classe operária da barbárie imperialista. Mas para ser consequente com a luta por ela faz-se necessário, antes de tudo, um rompimento radical com a idéia frequentemente difundida pelos apologetas do "socialismo real" e subjacente à todas análises estratégicas internacionais, idéia cuja inflexão naturalista é também um atestado de impotência para a elaboração de uma verdadeira estratégia, de que a humanidade caminha inexoravelmente para o comunismo e de que as crises cíclicas ou estruturais do capitalismo a cada vez aproximam mais o seu fim definitivo. E que identificam em cada greve, mobilização ou luta de classe mais intensa o "eterno avanço" do movimento operário no mundo" e em cada dificuldade mais séria do imperialismo a confirmação da sua "catástrofe iminente".

14. É uma evidente realidade que na medida em que a economia se mundializou, que o capital enquanto relação social de produção se internacionalizou com a consequente integração de novos países ao sistema imperialista, que na etapa monopolista ampliou-se de forma aguda a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação, as crises inerentes ao modo de produção capitalista revelam-se sempre mais profundas. E precipitam conflitos de classes particularmente intensos. Mas é igualmente uma evidente realidade, que a história, aliás, tem confirmado à exaustão, o fato de que não há situação sem saída para a burguesia e que, por mais profundas que sejam as crises do modo de produção capitalista, na ausência de um movimento operário revolucionário de massas capaz de confrontá-la, de elaborar uma estratégia viável e coerente, de disputar a hegemonia sobre as demais classes populares, ela sempre encontrará um caminho para a manutenção do seu domínio.

15. Nas condições atuais, a discussão acerca da estratégia da revolução em plano internacional, discussão esta que apenas se inicia mas que essencial para uma retomada do movimento comunista em novas bases, remete para a necessidade de uma linha de acúmulo de forças prolongado. Diante do poderio do sistema imperialista, da complexidade e da capacidade de resistência dos Estados da burguesia, qualquer estratégia de tipo insurrecional, de ataque frontal ao Estado, de guerra de movimento, está de antemão fadada ao fracasso. Sequer terá capacidade de se apresentar como perspectiva viável e concreta para as massas. E uma estratégia de acúmulo de forças prolongado implica na construção de uma

vasta rede de aparelhos de disputa contra-hegemônicos próprios do movimento operário e popular e na conquista de posições nos aparatos de hegemonia da burguesia. Implica na construção de uma hegemonia da classe operária sobre as demais classes populares para tornar possível a vitória no momento destrutivo da tomada do poder. Operando no interior das contradições que a própria complexificação da sociedade burguesa vai engendrando e assentada num projeto socialista positivo que desde agora vai afirmando novos valores e novas práticas, articulado com experiências de poder das massas e com um programa que signifique a síntese crítica do capitalismo, atualizada e renovada a cada momento, no plano da política, da economia, da ideologia e da cultura, tal estratégia deverá buscar uma "concentração inédita de hegemonia". Só com base nessa "concentração inédita de hegemonia" se colocará o momento de desfêrir um ataque frontal ao Estado burguês, uma guerra de movimento, e sobre os seus escombros dar início a construção da ditadura do proletariado.

16. O local por excelência sobre o qual deve incidir no atual período a elaboração estratégica são os terrenos nacionais dos países monopolistas, dos centrais e dos intermediários. Se é verdade que cada vez mais o imperialismo imbrica a economia num todo integrado, com repercussões decisivas no plano político, não é menos verdade que os Estados nacionais são as casa-fortes do exercício da dominação e da hegemonia da burguesia. É nos terrenos nacionais, pois, que a luta de classes adquire concretude, é contra os Estados burgueses que a classe operária deve dirigir privilegiadamente o seu combate. Porém, esta elaboração deverá estar impregnada dos referenciais gerais da luta de classes em escala internacional e dos objetivos globais do movimento revolucionário. Mesmo porque, a possibilidade de uma revolução socialista se desenvolver, ser vitoriosa, e consolidar suas conquistas, tanto nos países centrais como nos países intermediários, exige como pressuposto, a reconstrução do movimento comunista em plano internacional e a constituição de movimentos operários e populares vigorosos e explicitamente socialistas e revolucionários. Só assim, uma revolução poderá ser defendida contra os ataques do inimigo de classe e só assim uma revolução poderá ter desdobramentos imediatos capazes de abrir um caminho para uma nova etapa, qualitativamente superior, de vitórias do proletariado e da luta pelo comunismo.